

CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA

Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas

O cabelo de Lelê: o trabalho pedagógico como instrumento facilitador e de promoção das relações étnico- raciais na educação infantil

Barbosa, Lilian Fabiana
Lima, Laís Leni Oliveira

Introdução

O artigo apresenta parte dos resultados e conclusões de uma pesquisa-ação realizado nas disciplinas de Estágio em Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental I e II, que tomou como objeto de estudo a valorização e positividade da identidade da criança negra na Educação Infantil (EI), tendo em vista a dura realidade e dificuldades enfrentadas por todo o cidadão negro dentro da sociedade brasileira, visando sistematizar princípios para a organização do ensino nesta perspectiva. Trata-se de estudo embasado numa abordagem qualitativa da pesquisa que envolveu observações em salas de aula, entrevistas respondidas pela diretora e por professoras de uma instituição de EI da periferia de uma cidade de médio porte no interior do Estado de Goiás, em uma turma de Maternal II B, e um processo de pesquisa ação- intervenção que também constituiu fonte dos relatos. A partir das conclusões obtidas na análise dos dados, foram sistematizados princípios gerais para a organização do trabalho de valorização e positividade da identidade da criança na educação infantil.

Os episódios constantes de racismo em instituições de ensino, assim como a situação do negro dentro da sociedade brasileira, o alto nível de desistência entre os jovens negros nas escolas entre outros, suscita reflexões de como a escola trata a questão étnico-racial dentro de seus muros. Tendo como referência os negros, percebemos que existe um grande movimento

social histórico de dissolução de sua cultura nos mais diversos aspectos, em benefício a uma cultura eleita como ideal. Mesmo em forma de lei, a educação para as relações étnico-raciais acontece de forma lenta e superficial, entre os vários fatores, podemos citar seu aspecto paliativo, pois, as principais características desta educação é a ideia apenas reparo, deixando de lado a ênfase a uma nova construção conceitual.

Partimos da seguinte problematização: a educação brasileira, afetada pelas políticas neoliberais, torna pública a ausência de uma reflexão acerca das relações étnico-raciais no planejamento escolar, o que tem impedido a promoção de relações respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. A ausência de propostas intencionais das diferentes etapas da educação e, aqui se desataca na EI, podem contribuir com o silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial? É possível apresentar às crianças de forma natural as diferentes características entre negros e brancos e que estas não significam superioridade ou inferioridade?

Nosso objetivo geral foi trabalhar com a valorização e positivação da identidade da criança negra, tendo em vista a dura realidade e dificuldades enfrentadas por todo o cidadão negro dentro da sociedade brasileira. As metodologias utilizadas partiram da literatura brasileira. O livro escolhido como tema do projeto – *O cabelo de Lelê* –, traz a história de uma menina negra que não se sentia feliz com seu cabelo, já que o mesmo era volumoso e cheio de cachos, sendo assim, Lelê foi buscar respostas do porquê era assim “diferente”. Encontramos nessa obra muitos questionamentos que trouxeram elementos que nos levou a inúmeras possibilidades de direcionamento para o projeto. Concluímos que, desde a tenra idade inicia-se um processo de negatização e negação das raízes culturais do povo negro, entretanto, um processo reverso de valorização e respeito a essas matrizes, podem favorecer as relações não só do negro com sua identidade, mas principalmente, das relações negro/sociedade (entenda-se aqui, como a sociedade hegemonicamente normatizada), sociedade/ negro, negro/negro.

Sobre o método e metodologia

Assim, baseando nos objetivos deste projeto, esta pesquisa pode ser considerada como exploratória e pesquisa-ação. Exploratória, pois teve a função de trazer mais “[...] familiaridade com o problema com vistas torná-lo mais explícito [...]” (GIL, 2010: 27), num primeiro momento; é também uma pesquisa-ação, pois, segundo Franco é uma “pesquisa eminentemente pedagógica; e o exercício pedagógico é configurado como uma ação que

cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática” (FRANCO, 2005: 483-502). Mas, de que pesquisa falamos quando nos referimos de a pesquisa-ação? A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nessa direção, foi realizada uma pesquisa-ação colaborativa, assumindo também o caráter de criticidade. Assumimos constantemente em todo processo dois papéis complementares: de pesquisador e de participante do grupo.

Quanto à natureza dos dados a pesquisa é qualitativa, visando melhor conhecimento do problema e aprimoramento de ideias. O planejamento deste trabalho foi bastante flexível, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Os subsídios teóricos foram obtidos por meio da pesquisa bibliográfica e documental, elaborada mediante material já publicado impresso como livros, revistas, leis, pareceres, documentos e outros tipos de fontes como o material disponibilizado pela internet.

A pesquisa sendo bibliográfica baseou-se principalmente em autores como: Cavalleiro (2012), Rosemberg (2011), Kaercher (2001), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), Lei 10.639/03, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, (2012) e outros, que auxiliaram as reflexões deste trabalho possibilitando suscitar contribuições na área.

Fundamentação teórica

O problema da EI no Brasil, mais precisamente, a partir dos anos 90 começa a ser equacionado na medida em que o Poder Público vem sendo forçado pelas pressões populares a responder a essa demanda, incluindo a EI como item dos programas de governo especialmente na instância municipal. Historicamente, na maioria das culturas, o desenvolvimento infantil era responsabilidade da família, da escola, da comunidade, e muitas vezes dos grupos que se formavam, como por exemplo, dos vizinhos, de uma instituição religiosa. Entretanto, a partir da referida década, a EI passou a ser, mais e mais, o centro do cuidado e desenvolvimento das crianças, em função da necessidade o trabalho feminino na renda familiar. Surgem novas formulações sobre a educação das crianças pequenas. Uma delas enfatiza a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, outra assegura direito da criança nesta etapa de educação, e não mais direito dos pais que trabalham. Nesse contexto, as instituições da EI cumprem importante papel no desenvolvimento das crianças.

Kuhlmann Jr. (1998) revela no processo histórico de constituição das instituições pré-escolares, que o sistema escolar preservava a educação das elites e destinava um atendimento de segunda ou terceira categoria para os demais, diferenciadas em seus objetivos. A EI destinava-se, sobretudo à guarda e assistência às crianças de mulheres trabalhadoras e às crianças desvalidas. Pode-se aferir que, a EI, desde sua origem teve um caráter voltado para adaptação e submissão. Faz-se necessário considerarmos grandes transformações objetivas no decorrer desse processo histórico das instituições de EI, dentre elas a da EI ter sido contemplada como primeira etapa da Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96. Entretanto, mesmo sendo direito, ainda trata-se de uma faixa etária não incluída na exigência de escolaridade obrigatória. De acordo com Saviani (2012) persistem, ainda, para além da legalidade, questões de ordem pedagógica relativas à modalidade de instituição que corresponde à Educação Infantil (EI) e à orientação que deve ser impressa a essas instituições. É também no âmbito desta problemática que incidem alguns equívocos que abordamos em nosso projeto de intervenção, de que nesta etapa educação as crianças ainda não se percebiam dentro das diversidades ou que este fator não faça diferença em suas relações interpessoais. De acordo com Cavalleiro (2012), nesta fase já podemos encontrar crianças negras com identificação negativa em relação ao seu grupo étnico cultural, em contrapartida, a autora afirma a percepção de crianças brancas assumindo posturas de superioridade. Ressaltamos ainda que a falta de conhecimento e capacitação docente que em geral se baseiam em senso comum para abordarem a temática, desta forma, dando continuidade ao sistema discriminatório e excludente vigente, pois trazem consigo seus próprios preconceitos.

Buscamos neste trabalho subsidiar o combate à discriminação racial e positivar a identidade da criança negra na EI, todavia, não ignoremos que este tema está associado intimamente as diversas discriminações sociais, religiosas e culturais tornando-se um círculo vicioso, resultante da história de colonização da sociedade brasileira.

Nossas reflexões estão amparadas por documentos e diretrizes, em especial pela Lei 10.639/03, em que tornou-se obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira a partir do Ensino Fundamental e Médio e na Educação Infantil se faz consonante nos princípios fundamentais nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, definido como princípios éticos;

Valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. [...]. Tais instituições devem proporcionar às crianças oportunidades para ampliarem as possibilidades de aprendizado e de compreensão de mundo e de si próprio trazidas por diferentes tradições culturais e a construir atitudes de respeito e solidariedade, fortalecendo a autoestima e os vínculos afetivos de todas as crianças (DCNEI, 2012, p. 87).

Reforçamos aqui o importante papel das instituições de EII em uma nova concepção do que entendemos por infância, assim reafirmamos que a construção e positividade da identidade da criança negra iniciam-se já nesta fase. E neste caso como o próprio referencial propõe o trabalho pedagógico para a ampliação de possibilidades das diferentes tradições culturais, ou seja, valorização das diversas culturas.

Dada a relevância que envolve este assunto, devido aos diversos debates e questionamentos suscitados quando nos deparamos com situações de discriminação racial e, diante da impotência de muitos educadores em lidar com estas, tendo em vista a falta de formação e principalmente pelo fato do racismo estar enraizado historicamente dentro da sociedade brasileira, questionamos então, a instituição é um ambiente acolhedor das diversidades apresentadas na sociedade? Desta forma afirmamos mais uma vez a relevância do trabalho docente na instituição em relação a este tema, pois políticas têm sido propostas, claro, ainda insuficientes, mas a postura das profissionais pode impactar positivamente quando se põe em prática projetos que deem suporte a estas interações de forma a positivar a imagem do negro e das culturas de matrizes africanas e todas suas contribuições para a construção da sociedade atual.

Desenvolvimento metodológico

Realizamos o trabalho de pesquisa-ação durante o Estágio Supervisionado II, tal como a ementa da disciplina propõe:

Vivência de processos de investigação e problematização da realidade de educação, a partir do campo de estágio e dos aportes teóricos da Pedagogia, tendo em vista o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e compromisso inerente à profissão docente. Elaboração do projeto de ensino-aprendizagem. Ênfase no desenvolvimento e avaliação do projeto ensino-aprendizagem e ênfase na sistematização, análise e apresentação de relatório do trabalho desenvolvido (Estágio em Educação Infantil II, 2015, p. 1)

Este trabalho ocorreu durante todo semestre letivo da disciplina¹, com seis intervenções na instituição campo, não será possível resumir aqui todas as atividades desenvolvidas, entretanto, ateremos as que consideramos mais significativas para este trabalho em relato.

Começamos com contação de história, e o livro escolhido foi “O cabelo de Lelê”. Para darmos início à leitura, organizamos colchonetes no chão com a intenção que as crianças ficassem à vontade, anunciamos a elas que iríamos apresentar-lhes algo muito interessante, fizemos orientações acerca de cuidados com livros, pois elas iriam manusear páginas soltas do mesmo. A intenção de entregar páginas do livro com ilustração da personagem tinha como intenção observar as reações das crianças, como elas receberiam a imagem de uma menina negra de cabelos volumosos. E de fato, estas reações foram muito diversificadas, promovendo um verdadeiro alvoroço entre os pequenos. Vários foram os olhares, alguns acharam bonito, legal, feio ou engraçado, porém, neste momento procuramos apenas observá-los. Posteriormente, recolhemos as páginas e contamos a história. Foi perceptível a curiosidade, uma vez que o livro aborda não só a imagem da personagem, mas contextualiza historicamente sua identidade. Depois da história fizemos uma roda de conversa a respeito do tema, procuramos apresentar de forma positiva as diferenças étnico-raciais, uma vez que a intenção do projeto não é a de sobrepor uma raça em detrimento de outra, mas sim, de normatizar essas relações, sobre o respeito às diversidades buscamos nos amparar no RCNEI (1998) Formação Pessoal, o qual enfatiza que:

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. Uma atenção particular deve ser voltada para as crianças com necessidades especiais que, devido às suas características peculiares, estão mais sujeitas à discriminação. Ao lado dessa atitude geral, podem-se criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja tema de conversa ou de trabalho (BRASIL, vol. 2, 1998, p. 41).

¹ A disciplina de Estágio em Educação Infantil II é uma disciplina que dá continuidade a disciplina de Educação Infantil I; esta foi o momento de observações e apreensões da realidade campo, do conhecimento da organização do trabalho pedagógico desenvolvido no campo de estágio e na coleta sistemática de dados, objetivando o exercício e aprofundamento das práticas de investigação-ação nas instituições de educação infantil – creches e escolas – de modo a criar condições para que os/as alunos /as assumam um papel ativo no seu processo de formação e incorporem uma postura investigativa contínua em sua prática profissional para que possam construir alternativas de intervenção da realidade profissional (Estágio II), à luz dos aportes teóricos estudados para a reflexão da realidade e de construção da autonomia profissional para o exercício com crianças de zero a 5 anos.

Após a roda de conversa, distribuímos revistas para que as crianças encontrassem imagens de pessoas semelhantes à personagem do livro, a intenção era verificar se as crianças conseguiriam identificar pessoas negras, e o que de fato foi relevante na história do ponto de vista delas. As crianças se dedicaram com afinco à atividade, porém, muitas recortaram imagens pessoas que em não se assemelhavam em nada com “Lelê” outras deram bastante enfoque ao cabelo enquanto outras se apegaram à cor. Mesmo assim, recortamos as imagens e deixamos à parte. Logo em seguida iniciamos a construção de um cartaz coletivo, mostrávamos a imagens e perguntávamos qual a semelhança da pessoa com a personagem Lelê, Desta forma, aquelas crianças que recortaram figuras que não correspondia ao que a atividade propôs, conseguiram reconhecer seu equívoco.

Na próxima intervenção levamos o material da aula anterior, o livro “O cabelo de Lêle”, relembramos a história, oportunizando que cada criança expressasse seu olhar sobre o livro. Neste dia enfocamos o continente africano, de modo que as crianças pudessem compreender qual a origem das pessoas negras. Percebemos que as crianças assimilam de forma muito positiva as diferenças raciais quando postas de forma esclarecedora, porém, observamos também algumas reações e olhares meio desconfiados.

Depois da releitura, realizamos uma atividade que consistia em chamar uma criança por vez, colocar em sua cabeça uma peruca *black power*, depois de se olhar no espelho, a criança adotaria “Lelê” como sobrenome, por exemplo, *Lilian Lêle*. Foi empolgante, a maioria das crianças se envolveram com a atividade, porém, mais uma vez percebemos certa resistência de algumas. Três crianças da pele branca se recusaram a participar da atividade, uma criança negra também não quis participar demonstrando constrangimento, quanto às crianças brancas em duas era claro a rejeição à peruca, porém, não é prudente afirmar se a rejeição foi ao material ou ao que ele representa.

Depois desta atividade, foi o momento em que apresentamos um vídeo baseado no texto de *Luísa Ducla Soares*², o vídeo foi um sucesso e promoveu uma grande discussão dentro da sala, quando perguntamos a cor de cada criança, foram diversas respostas, tais como

² Parte integrante da coletânea de contos vive da variedade. Inclui histórias de índole tradicional, outras dos tempos modernos, mas, entre todas, sobressai a que recebe o título: Meninos de Todas as Cores, escrita por Luísa Ducla Soares, que a OIKOS e a UNICEF adotaram como base de uma campanha conjunta contra o racismo e a segregação.

branco, vermelho, amarelo e até azul, entretanto a cor preta foi preterida e duas crianças negras demonstraram grande desconforto com a situação, quando apontadas por um colega como representantes da cor preta. De acordo com Abramowicz e Oliveira (2011):

Podemos concluir que as crianças aos 4 anos de idade já passaram por processos e subjetivação que as levaram a concepções já tão arraigadas no nosso imaginário e na realidade social sobre o branco e o negro, e conseqüentemente sobre as positivities e negatividades atribuídas a um ou outro grupo racial (p.56).

Desta forma foi necessária uma roda de conversa com as crianças, para enfatizarmos a mensagem do texto e da música apresentada no vídeo. Assim, muitas crianças solicitaram que o vídeo fosse apresentado mais uma vez, o que foi feito. E a música contida no mesmo se tornou “hit” na boca das crianças; “Se toda cor fosse amarela, o que fazer com ela? Se toda cor fosse vermelha, à que se assemelha? Cor preta não seria cor, cor branca não existiria”.

Na terceira intervenção iniciamos com uma roda de música com o tema do vídeo “Meninos de todas as cores” de Luísa Ducla Soares, após cantarmos a música, falamos sobre a África e fazendo uso de um mapa mundi, foi então simulada a viagem que trouxeram os negros para o Brasil, usando como referência o texto da mesma autora do vídeo, representamos com bonecos de papel, homens brancos (europeus), pretos (africanos), vermelhos (índios) e amarelos (asiáticos), desta forma, conceituamos os continentes de maneira lúdica. Percebemos que muitas crianças, nesta fase, já conseguem fazer algumas sequências geográficas, tal como; moram em Jataí que fica em Goiás dentro do Brasil:

Movidas pelo interesse e pela curiosidade e confrontadas com as diversas respostas oferecidas por adultos, outras crianças e/ou por fontes de informação, como livros, notícias e reportagens de rádio e TV etc., as crianças podem conhecer o mundo por meio da atividade física, afetiva e mental, construindo explicações subjetivas e individuais para os diferentes fenômenos e acontecimentos. Quanto menores forem as crianças, mais suas representações e noções sobre o mundo estão associadas diretamente aos objetos concretos da realidade conhecida, observada, sentida e vivenciada. O crescente domínio e uso da linguagem, assim como a capacidade de interação, possibilitam, todavia, que seu contato com o mundo se amplie, sendo cada vez mais mediado por representações e por significados construídos culturalmente (RCNEI, vol.3,1998, p.169).

A partir desta afirmação, procuramos ampliar este conceito, explicando que o Brasil fica dentro do Continente Americano, marcamos com caneta esferográfica os continentes e explicamos que tudo em volta dos continentes são mares e oceanos. Esta foi uma aula muito produtiva, os pequenos ficaram encantados em saber sobre o meio onde vivem, podemos

desta forma nos amparamos novamente nas orientações do RCNEI Conhecimento de Mundo ao se referir as atividades voltadas para o desenvolvimento da noção de tempo e espaço, segundo o documento:

Nessas práticas, geralmente, os conteúdos são tratados de forma desvinculada de suas relações com o cotidiano, com os costumes, com a História e com o conhecimento geográfico construído na relação entre os homens e a natureza [...]. Propostas e práticas escolares diversas que partem fundamentalmente da ideia de que falar da diversidade cultural, social, geográfica e histórica significa ir além da capacidade de compreensão das crianças têm predominado na educação infantil. São negadas informações valiosas para que as crianças reflitam sobre paisagens variadas, modos distintos de ser, viver e trabalhar dos povos, histórias de outros tempos que fazem parte do seu cotidiano (RCNEI, 1998, vol.3. p.165-166)

Para contextualizar as brincadeiras explicamos que as crianças negras ficaram muito tristes por terem que se separar de seus pais, e que as brincadeiras eram uma forma de diminuir a tristeza e também de entreter os filhos dos brancos. Buscamos não assustar as crianças, mas também, não era intenção do projeto minimizar tampouco, furtar dos pequenos o direito ao saber dos acontecimentos históricos. Talvez tenha sido esta a aula mais participativa, do ponto de vista de questionamentos por parte dos pequenos. Depois deste momento, apresentamos brincadeiras que tiveram origem com os negros, muitas destas já eram do conhecimento de algumas crianças. Em seguida, levamos as crianças para o pátio, onde brincamos de pular elástico. Foi um sucesso! Todas as crianças se envolveram, pulavam, vibravam ao conseguirem executar a brincadeira.

Terminada a brincadeira dirigida, deixamos que as crianças brincassem livremente, de propósito, inserimos uma boneca preta na caixa de brinquedos, a princípio despertou o interesse das crianças, porém, quando deixada de lado, entramos em ação, cuidando da boneca e exaltando suas características. Logo apareceram candidatos a cuidadores da mesma.

Na quarta intervenção, depois de realizada a acolhida das crianças, sentamo-nos próximo ao mapa mundi, relembramos a aula anterior sobre a colonização do Brasil, as brincadeiras e aproveitamos para inserir o conteúdo principal do dia, a influência da culinária africana em nosso cotidiano. A inclusão dos elementos da cultura africana dentro da educação infantil requer coragem para enfrentar o tema. Segundo Dias (2011)

Sem dúvida, trazer para a educação infantil os temas relativos à diversidade implica tomar uma atitude ousada e ética em relação à cor, raça e etnia. Incluir conhecimentos afro-brasileiros e indígenas e considera-los tão importantes quanto os conhecimentos de origem europeia que já são largamente trabalhados, é romper

com uma tradição eurocêntrica de currículo, atitude nem sempre apoiada pelo conjunto de profissionais das instituições escolares (Dias. 2011. p.184)

Apresentando então, figuras de alimentos – quiabo, pé-de-moleque, canjicada, feijoada, cocada e bolo de fubá – explicamos que, junto com as brincadeiras e outros costumes, herdamos muito da culinária africana. A maioria das crianças conheciam todos os alimentos apresentados. Explicamos também, que grande parte das comidas populares são heranças não só dos negros, como também dos índios. Nesta hora, uma criança levanta o dedo e revela que sua mãe disse que os índios são “malvados”, neste momento aproveitamos o mapa *mundi* que havia ficado fixado junto ao quadro negro com os bonequinhos coloridos, e retomamos a aula anterior, onde explicamos a origem de cada homem, pontuamos que o homem vermelho (índio) já estava no Brasil antes de todos os outros, falamos do quanto foi ruim para ele perder toda sua terra para outras pessoas, que eles também foram escravizados e que isso causou e causa ainda muita revolta nos índios. Foi um momento muito importante da aula, pois tivemos a oportunidade de esclarecer e desfazer alguns equívocos que, por sua vez, são precursores de preconceitos arraigados dentro da sociedade. Todas as crianças se interessaram pela questão e interagiram nesta discussão, a respeito do equívoco difundido pela mãe da criança podemos acreditar que:

Algumas práticas valorizam atividades com festas do calendário nacional: o Dia do Soldado, o Dia das Mães, o Dia do Índio, o Dia da Primavera, a Páscoa etc. Nessas ocasiões, as crianças são solicitadas a colorir desenhos mimeografados pelos professores, como coelhinhos, soldados, bandeirinhas, cocares etc., e são fantasiadas e enfeitadas com chapéus, faixas, espadas e pinturas. Apesar de certas ocasiões comemorativas propiciarem aberturas para propostas criativas de trabalho, muitas vezes os temas não ganham profundidade e nem o cuidado necessário, acabando por difundir estereótipos culturais e favorecendo pouco a construção de conhecimentos sobre a diversidade de realidades sociais, culturais, geográficas e históricas (RCNEI, 1998, vol. 3. p. 165).

Posteriormente, organizamos as crianças, levamos as mesmas para o refeitório para fazer um bolo de fubá. Explicamos que a origem da palavra “fubá” é africana e significa farinha, com isso, começamos a fazer o bolo. Cada criança ajudou, colocando os ingredientes na batedeira, todos queriam participar e foi difícil para eles aguardarem sua vez. Durante o preparo as crianças revelavam que já tinham comido bolo de fubá, outras relatavam que gostava de feijoada, cocada, pé de moleque, a maioria disse não gostar do quiabo, e assim, nesta interação fizemos a massa do bolo em seguida colocamos para assar e retornamos à sala de aula. Apresentamos às crianças o vídeo da música “África” do Grupo Palavra Cantada,

junto com as crianças fizemos a coreografia. Podemos afirmar que todas as crianças gostaram e tentaram reproduzir os movimentos da coreografia, este foi um momento de grande prazer, foi perceptível pelos sorrisos, olhares e disposição das crianças, a importância dessas brincadeiras, sobretudo dentro do contexto em que foram apresentadas, pois segundo Friedmann (2012)) “As brincadeiras constituem, assim mesmo, linguagens infantis considerando a linguagem qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos por meio de signos” (p.24). Posteriormente todos apreciaram o bolo de fubá, o qual ficou uma delícia!

Na quinta intervenção, depois do café da manhã, comunicamos que aquele dia seria muito especial, pois faríamos um passeio muito legal. Às 8 horas e 30 minutos, recebemos o aviso de que o motorista havia chegado com o ônibus que nos levaria ao passeio. Fizemos então uma roda de conversa com as crianças, falamos que iríamos visitar o Museu de Artes Contemporânea, local onde estava acontecendo uma exposição de arte intitulada “Sou negro, sou belo”, produzida pela ONG Casa da Criança Amor e Arte, fizemos alguns combinados e passamos orientações.

Chegando ao Museu de Arte Contemporânea, fomos recebidos pela curadora Clara Lima e seu assistente, responsáveis por nos apresentar toda a exposição. Ela teve uma breve conversa sobre a exposição com as crianças na antessala, em seguida convidou-nos a acompanhá-la, mostrando fotos de crianças caracterizadas, máscaras africanas, *abayomis* (bonecas negras de origem ioruba) confeccionadas pelos alunos da instituição responsável pelo material exposto. A culminância da exposição se dá no momento em que as crianças têm os rostos pintados com pinturas típicas das tribos africanas, o momento foi de muita diversão, até aquelas crianças que se recusaram inicialmente serem caracterizadas, ao verem os colegas com os rostos pintados resolveram participar da brincadeira. Ao retornarmos à instituição, foram muitos os comentários a respeito da exposição, comentavam sobre suas pinturas, as pinturas dos colegas, enfim, uma grande interação que continuou mesmo depois de chegar ao CMEI, muitas crianças se encantaram, pois nunca tinham visitado um museu.

Em nossa última intervenção trabalharíamos com a literatura escrita, usando como recursos uma boneca preta de pano, um coelho de pano e o livro literário. Começamos a dramatização do livro “Menina bonita de laço de fita” de Ana Maria Machado. As crianças ficaram encantadas com a história, não demorou para que todas as crianças já tivessem na ponta da língua a pergunta que o coelho sempre fazia à menina; “menina bonita de laço de fita, qual é

teu segredo pra ser tão pretinha. Foi muito interessante, ver as crianças interagindo com as personagens e escutar de uma das crianças logo depois da pergunta feita pelo coelho, uma resposta em tom completamente natural, que *a menina era pretinha porque os parentes tinham vindo da África*, neste momento sentimos o quanto é importante trabalhar esta temática já na EI, pois no sexto encontro foi perceptível que no geral, as abordagens acerca do assunto, já não provocam constrangimento às crianças negras, tampouco, deboche ou estranheza aos demais assim como no início do projeto.

Terminada a contação de história, fizemos uma retrospectiva com as crianças, pontuando as atividades que havíamos desenvolvido ao longo do projeto, indagamos qual delas os mesmos tinham gostado mais, assim, distribuimos folhas com a atividade impressa, solicitamos às crianças que desenhassem a atividade que mais gostaram durante o período em que estivemos em sala de aula e por incrível que pareça a maioria das atividades foram lembradas. Conforme as crianças terminavam suas atividades, foram levadas para a área verde da instituição onde realizamos com elas várias brincadeiras de origem africana, tais como; pular elástico, cantigas de roda e *mamba* (brincadeira que tem sua origem na África do Sul).

Após as brincadeiras, as crianças foram levadas para assistirem o filme “Cada um na sua casa”, este filme conta a estória de uma menina que busca encontrar a mãe após uma invasão alienígena. A princípio, pode não parecer relevante, porém, no que diz respeito à representatividade, os filmes exibidos deixam muito a desejar, pois geralmente apresentam personagens brancos, com traços afinados, as princesas possuem padrão nórdico de beleza, não representando em nada as crianças negras, que desta forma começam a se sentirem excluídas e a acreditarem que não se encaixam dentro de padrões considerados belos. Além de contar uma linda história de amizade e coragem, o filme traz como personagem principal uma menina negra de cabelos encaracolados e nariz arredondado. Intenciona-se assim, dar importância à personagem, que as crianças negras consigam se enxergar como personagens principais de sua própria história através de uma representação fictícia. Ficamos preocupadas quanto ao tempo de filme, se as crianças conseguiriam concentrar-se, porém, ficaram vidrados até o final do mesmo. A respeito à representatividade da criança negra em brinquedos e nos diversos materiais midiáticos Dornelles 2006 afirma que “[...]os brinquedos constituem-se como um modo de governo e autogoverno das crianças. Suas formas, seu estilo e sua estética produzem efeitos no jeito de ser criança[...]” (p.35).

Assim, pensar nos estereótipos difundidos a longa escala por estes meios, podemos afirmar que a criança negra, em especial a menina negra sofre de grande violência:

Dentre as violências experimentadas pelas crianças negras, está à negação do direito a uma imagem positiva que tem, particularmente sobre a autoestima das meninas negras, o seu efeito é danoso, sobretudo pela importância que a valorização estética tem sobre a condição feminina em nossa sociedade (HENRIQUES, 2002, p.11).

Ao término do filme, já chegava a hora do almoço, desta forma levamos as crianças para o refeitório, o almoço foi servido.

Considerações Finais

Buscamos durante todo desenvolvimento do projeto utilizar de roda de conversa, vídeos, material gráfico para mediar a construção dos conceitos das crianças, livres de equívocos para que as mesmas cultivem em si o respeito e tolerância às diferenças. Levando em consideração que a oralidade é um aspecto muito valorizado dentro da cultura africana, dos valores, conhecimentos, ciência, história de vida, religiosidade, arte, ludicidade. A palavra falada, para os povos africanos, possui capacidade de criar, transformar o mundo e de preservar os ensinamentos. Buscamos dialogar, permitir o manuseio de livros e materiais gráficos que continham elementos do conteúdo trabalhado.

Por meio das conversas, observávamos as reações, percepções e alguns elementos conceituais que as crianças já traziam consigo, desta forma verificamos que é verdadeira a afirmativa de Cavalleiro (2012), pois encontramos muitas crianças que já possuíam conceitos negativos em relação ao grupo étnico pertencente. Trabalhamos também com imagens de pessoas negras buscando avaliar o discernimento destas crianças. Usamos o espelho como recurso pedagógico, para que as crianças pudessem se olhar e reconhecer sua própria imagem e verificar semelhanças com as características apresentadas.

Em todas as aulas relembávamos o conteúdo trabalhado na aula anterior, dando continuidade à temática, evitando assim, a fragmentação dos conteúdos em geral. As brincadeiras musicadas e de roda também foram elementos integrantes do projeto, talvez estas foram as metodologias de maior sucesso entre os pequenos, porém, a literatura também foi forte suporte para a mediação entre o adulto e o que intenciona trabalhar com a criança, pois, a participação da criança nesses rituais de leitura permite que ela vá construindo o seu próprio

modelo, vivenciando experiências. Assim como também foram utilizados outros portadores de texto, tais como; filmes, vídeos, revistas e mapas.

Infelizmente algumas atividades foram abortadas devido ao fato de não conseguirmos o material adequado como havíamos previsto, entretanto, foram substituídas por outras de mesma relevância e que convergiu com a finalidade do projeto. Referimo-nos aqui à atividade de capoeira prevista para a penúltima aula, que não foi possível concretizá-la, pois, não encontramos grupo de capoeira disponível para a apresentação. Entretanto, tivemos a oportunidade de realizar uma visita ao Museu de Arte contemporânea para uma apreciação de exposição de cultura africana. Esta exposição veio consolidar o trabalho ora realizado, assim, consideramos um coroamento ao projeto.

Por fim, retornamos à literatura com a dramatização do livro “Menina bonita de laço de fita”, buscando historicizar, de forma positiva, a cultura e o próprio negro. Também foi exibido o filme “Cada um na sua casa”, com a intenção de dar representatividade à criança negra, em especial a duas meninas negras da sala que inicialmente se sentiram constrangidas quando indagadas de sua cor, assim, o filme mostra que meninas negras também podem receber papel de destaque, pode não parecer relevante, mas desta forma estas crianças poderiam se sentir representadas positivamente.

Em suma, objetivo acreditamos ter alcançado os objetivos do projeto que foi provocar reflexões e debates a fim de que o tema sobre a cultura e importância da história da África seja trabalhado, não somente por determinação legal, mas, acima de tudo, que os docente da EI e demais níveis de ensino, não se exima de suas atribuições e responsabilidades se tornando o ponto de partida dentro do contexto escolar a combater a discriminação racial e a positivar a identidade dos herdeiros dos povos africanos que tanto contribuíram para formação deste país.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. OLIVEIRA, Fabiana de. **As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil**: alguns aportes. In: BENTO, M. A. Silva.(ORG). Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo. CEERT, 2011.

BENTO, Hélio Silva Jr. Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Silvia Pereira de. (orgs.). **Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo: Centro de Estudos e Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT: Instituto Avisa Lá, Formação Continuada de Educadores, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEF, 1998. (1, 2 e 3 vol.).

____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2012.

DIAS, L. R. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres. In: BENTO, M. A. S.(ORG). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo. CEERT, 2011. p.184.

DORNELLES, Leni Vieira. **Existe fada negra?** Revista Pátio educação infantil. Ano IV, n. 10, p. 35-37, mar./jun.2006.

GOÍÁS, Universidade Federal de. **Estágio em Educação Infantil II**, 2015, p. 1.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa ação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas**. UNESCO. Brasília: 2002.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.